


Mariana Caldeira Gonçalves, *Mulheres a bordo! A face pouco conhecida da expansão portuguesa*, Lisboa: Edições Parsifal, 2025, 157 pp.

Eduardo Sartoretto 

Instytut Historii im. Tadeusza Manteuffla
Polska Akademia Nauk

 <https://doi.org/10.17533/udea.trahs.26.08>

A História Marítima, enquanto campo de estudo, vem ganhando cada vez mais espaço na produção historiográfica luso-falante. No Brasil, trabalhos acadêmicos diversos exploram o contexto social, político, econômico e militar do campo, com estudos, produções e projetos que analisam os conflitos marítimos da história colonial e nacional; o uso político e estratégico destes agentes para a demarcação e/ou proteção do território; circulação econômica de embarcações (principalmente a partir do estudo do tráfico negreiro, mas não somente); e as diferentes nuances e contextos que envolviam a vida a bordo; nos mais diferentes recortes temporais e pontos de vista. Em Portugal, a análise dos processos políticos, econômicos, militares e sociais que envolvem o projeto das navegações ultramarinas, conforma um campo analítico consolidado e compõe um vasto e importante capítulo da historiografia sobre o império português. Neste sentido, buscando se inserir dentro deste campo de modo a contribuir com a historiografia nele produzida, a historiadora portuguesa Mariana Caldeira Gonçalves propõe um interessante olhar sobre as relações de gênero estabelecidas durante o processo de expansão ultramarina em seu primeiro livro.

Publicado pela editora portuguesa Parsifal, em junho de 2025, o livro *Mulheres a bordo!* é a adaptação da pesquisa e dissertação de mestrado intitulada “A mulher no mar: a presença feminina a bordo na expansão marítima portuguesa”, realizadas por Caldeira Gonçalves, entre os anos de 2022 e 2024, na Universidade de Évora, sob orientação da Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso. A obra apresenta ao leitor a perspectiva feminina das experiências vivenciadas durante o processo de expansão marítima do império português, seja a bordo das embarcações, seja durante seu processo de embarque e/ou desembarque. Para sua realização, a autora analisa uma série de fontes primárias, capazes de fornecer informações para sanar os questionamentos propostos no livro. Neste contexto e diante da escassez de fontes que tratem diretamente do tema,

sua investigação recorre a materiais alternativos, tais como crônicas, correspondências de missionários, relatos de naufrágios e diários de bordo, para completar as lacunas deixadas pela ausência de registros íntimos e interpessoais.

Metodologicamente, Gonçalves explora os materiais com a intenção de abranger múltiplas narrativas que, uma vez articuladas, têm a capacidade de projetar ao leitor um panorama mais amplo acerca da presença feminina nas viagens ultramarinas. Para estabelecer este cenário e construir sua arguição, portanto, o livro divide-se em três momentos, intitutados, respectivamente como “A mulher na legislação e na literatura”; “Mulheres que partem: o embarque feminino na expansão marítima”; e “Dinâmicas de convivência e relações de gênero”, cujas abordagens diferem entre si, mas complementam-se, uma vez que todas exploram as nuances da vivência feminina nas sociedades portuguesas do século XV ao XVII.

Em “A mulher na legislação e na literatura”, a autora explora os contextos sociais, culturais e jurídicos que moldavam as concepções de gênero entre os séculos XV e XVII, estruturando-se em duas frentes principais: a legislação e a literatura da época. Neste contexto, a análise das normas jurídicas da sociedade portuguesa do início da modernidade, empenhada pela autora, proporciona a reconstrução de ideais, valores e condutas esperadas tanto do gênero masculino, quanto do feminino; fato que revela ao leitor uma sociedade profundamente hierarquizada e fundamentada nos preceitos judaico-cristãos, que estabeleciam de forma rígida de cada gênero. Paralelamente, o estudo da literatura normativa e moralizante da Idade Moderna, permite à autora evidenciar como os discursos do período eram reforçados no âmbito da vida matrimonial e familiar, permitindo a compreensão acerca do lugar feminino em outras esferas da sociedade, como as esferas política, econômica, social e cultural. Ao conectar esses dois campos discursivos, Mariana estabelece as bases teóricas e históricas necessárias para compreender as razões que levavam mulheres a buscar uma vida ao mar, bem como as experiências que estas vivenciavam a bordo, preparando o leitor para sua análise aprofundada da presença feminina no universo marítimo português.

Aprofundando sua análise em “As mulheres que partiam: o embarque feminino na expansão marítima portuguesa”, Gonçalves dedica-se a investigar o fenômeno do embarque feminino nas naus portuguesas entre os séculos XV e XVII, na intenção de preencher a lacuna historiográfica criada pela predominância de estudos focados, quase exclusivamente, na experiência masculina. No capítulo a autora reconhece na historiografia tradicional, marcada por um enfoque positivista, o enfoque nos feitos heroicos, personagens masculinas de destaque e conquistas territoriais, criticando o fato de que isso resultou na invisibilidade das mulheres dentro deste cenário, bem como na compreensão incompleta da dinâmica humana que compôs a expansão marítima. Utilizando-se de registros fragmentados que mencionam de forma pontual seu objeto de pesquisa, ela tece uma narrativa robusta e coerente, revelando uma pluralidade de experiências femininas no universo marítimo português, fato que permite ao leitor uma compreensão ampla, crítica e inclusiva da história ultramarina.

Nesse processo, a autora desenvolve um dos principais méritos da obra, ao realizar uma minuciosa análise dos diferentes perfis sociais femininos, bem como os contextos

que as levaram ao mar, tipificando-as como: mulheres escravizadas; cativas e reféns; resgatadas e fugitivas; messageiras e/ou mulheres utilizadas como ferramentas diplomáticas; passageiras acompanhantes; mulheres solteiras, as “suspeitosas” e as consideradas “de mau viver”; as órfãs, as recolhidas e as convertidas; e, por fim, as degredadas. Ao examinar os estatutos sociais, as motivações para o embarque e os objetivos de cada um dos grupos, a autora evidencia como, apesar das adversidades e da permanente vigilância moral e social, as mulheres desempenharam papéis variados e estruturantes, influenciando processos, relações, dinâmicas sociais e, inclusive, práticas políticas e econômicas desenvolvidos durante o projeto de expansão.

Por fim, em “Dinâmicas de convivência e relações de gênero”, Gonçalves aprofunda a análise das interações sociais e das relações de gênero estabelecidas a bordo das embarcações portuguesas entre os séculos XV e XVII, examinando o cotidiano, as tensões, os vínculos e as negociações vividas pelas mulheres no ambiente marítimo. Em sua análise, reconhece a impossibilidade da reconstrução completa das vivências de seus objetos, dadas as limitações das fontes. Na intenção de driblar essas limitações, a autora estabelece duas categorias de análise – as relações e dinâmicas entre o sexo feminino e as relações e dinâmicas com o sexo oposto –, nas quais discorre sobre o tema do capítulo, buscando interpretar comportamentos e situações apresentados pelas fontes a partir das expectativas e mentalidades que moldavam a sociedade portuguesa do período. Ao analisar o comportamento feminino a bordo, quer seja na relação entre si, quer seja na relação com os homens, comparando os códigos de conduta socialmente estabelecidos no reino com as práticas observadas no “microcosmo do navio”, a Mariana evidencia que o confinamento, o isolamento e a constante ameaça da morte alteravam as possibilidades de sociabilidade, ora intensificando o controle sobre as mulheres, ora abrindo brechas para comportamentos que seriam condenados em terra. Nesse contexto, sua análise demonstra que o navio era um espaço *sui generis*, pois poderia ser, simultaneamente, disciplinador e permissivo, um lugar onde as convenções sociais podiam ser reafirmadas, contestadas ou subvertidas. Dessa forma, esta sessão ilumina com profundidade a complexidade das relações humanas no universo marítimo, revelando como percepções, valores e expectativas de gênero se entrelaçavam com as experiências concretas da vida em viagem, contribuindo para uma compreensão mais rica e matizada da presença feminina na expansão marítima portuguesa.

Conversando com uma série de trabalhos que discutem história marítima, história de gênero e a história social e das minorias, “Mulheres a bordo!” é uma leitura breve, com a capacidade de ampliar o entendimento acerca da expansão marítima, ao demonstrar que esta não foi um empreendimento exclusivamente masculino, mas, um processo complexo e multifacetado, onde as mulheres, embora muitas vezes silenciadas pela documentação e escanteadas pela historiografia, tiveram presença ativa e papel relevante; fato que contribui para a construção de uma narrativa histórica mais completa, humana e diversa.